

AQUILINO RIBEIRO

Entrevistado por Pedro Foyos

A ÚLTIMA ENTREVISTA

Esta entrevista, realizada em abril de 1963 e publicada no diário oposicionista *República*, seria a última concedida por Mestre Aquilino. Morreu menos de dois meses depois, a 27 de maio, com 77 anos. Celebrava-se então no País o cinquentenário da intensa atividade literária do escritor, iniciada com a obra *Jardim das Tormentas*. No mesmo dia da morte de Aquilino, a Censura comunicava à Imprensa não ser mais permitido qualquer noticiário relacionado com as homenagens que lhe estavam a ser prestadas. Também a presente entrevista foi golpeada sem piedade pelos censores. Tanto que eu, enquanto autor da mesma, manifestei ao chefe de Redação, Artur Inez, a vontade de não a publicar. Todavia, o diretor Carvalhão Duarte foi de opinião que, suprimindo as declarações que haviam resultado desfiguradas, sem nexos ou, pior, com sentido diferente, a entrevista mantinha elevado interesse. A leitura do texto deixa, mesmo assim, transparecer o procedimento censório que à época era conhecido na gíria jornalística pela expressão “debicanço”, ou seja, os cortes

confinavam-se por vezes a uma ou duas palavras, um segmento de frase, um nome citado. Exemplo dessa perfídia encontra-se logo nas primeiras linhas, quando Aquilino refere Ferreira de Castro. O autor de *A Selva* estava por esse tempo no *Index Prohibitorum* e o nome (aqui recuperado) foi cortado.

Complementava a entrevista um excerto literário de uma obra de Aquilino que foi integralmente proibido (v. adiante a reprodução das provas originais da Censura).

Infortunadamente não foi possível preservar o texto original da entrevista, cujo final (uma mensagem aos jovens portugueses), é do próprio punho de Aquilino. Ignoro também o destino das provas dos Serviços de Censura. O último contacto pessoal que tive com o escritor ocorreu na sua residência em Lisboa, à Rua António Ferreira (Bairro de S. Miguel) e visou precisamente confiar-lhe esse penosíssimo documento. Sofrendo durante décadas o silenciamento a que o subjugou a Ditadura, esta foi também a última vez que Aquilino Ribeiro tomou conhecimento de mais uma proibição censória da sua criatividade e do seu pensamento inextinguível. **PF**

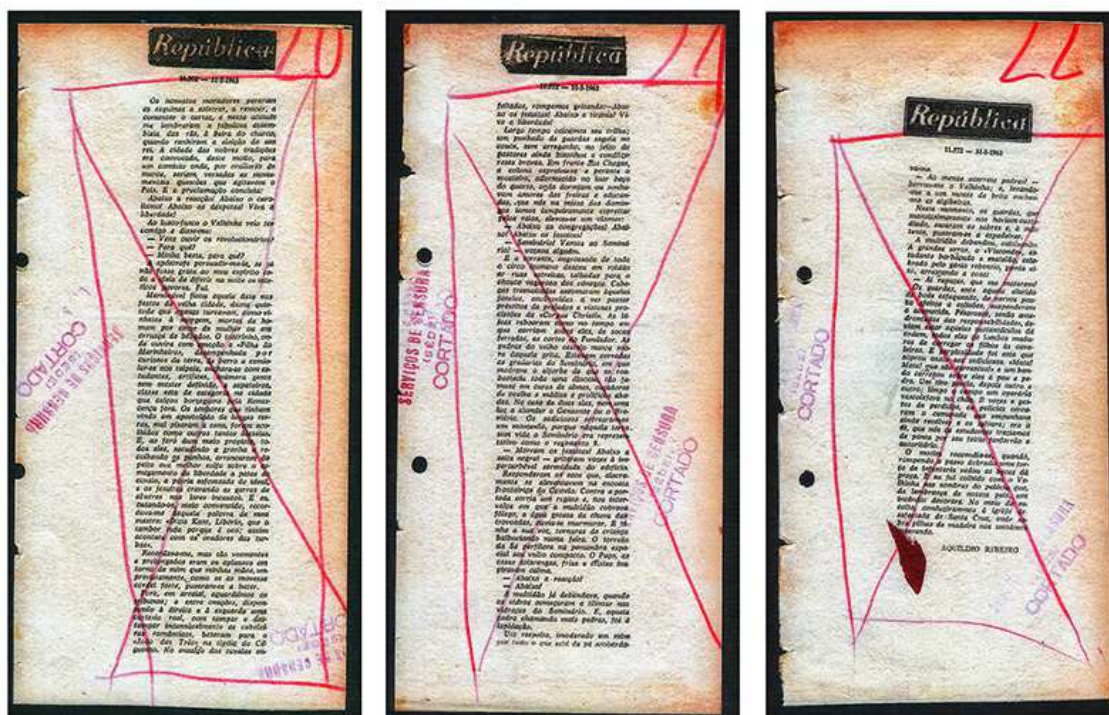




© PEDRO FOYOS | ARQUIVO HISTÓRICO DE IMPRENSA

«O senhor diretor lastima sinceramente não poder autorizar»

Pelo telefone "de manivela" ligado diretamente aos Serviços de Censura (que funcionavam num prédio fronteiro ao do jornal), Artur Inez, chefe de Redação, diligenciou a reconsideração do corte total infligido a um trecho de uma obra de Aquilino Ribeiro, pretextando as celebrações do cinquentenário de vida literária do escritor. Após uma espera de cinco minutos chegou a resposta: «O senhor diretor lastima sinceramente não poder autorizar.» Artur Inez desligou o telefone e desalentado escreveu na margem esquerda da prova: «Não se pode publicar».



© PEDRO FOYOS | ARQUIVO HISTÓRICO DE IMPRENSA

O esporádico encarnado revezava o reputado lápis azul

A bela prosa de Aquilino preenchia três granéis tipográficos. Circunstancialmente o censor fez uso da cor encarnada em vez do "protocolar" azul. Não sendo raro, era pouco frequente os censores darem descanso ao reputado lápis azul.

O que sobreviveu à entrevista original

Cinquenta anos a escrever livros. Cinquenta livros até agora. É obra, Mestre.

Cinquenta anos iguais a uns milhões de letras e a todos os cabelos brancos na cabeça são o que esse balanço significa.

Está a preparar-se uma homenagem nacional cuja principal promotora é a Sociedade Portuguesa de Escritores de que o Mestre foi fundador e primeiro presidente. Como reage a esta comemoração do seu meio século de vida literária?

Reajo... escrevendo. Precisamente esta manhã estive a arrumar ideias e palavras a pedido do atual diretor, Ferreira de Castro. Direi aos meus queridos camaradas que para chegar aqui fiz poucos amigos de alma e coração, descurei as obrigações temporais da família, não viajei. Eu que gostaria de repetir as andanças de Marco Polo não me meti em aventuras que são o sal da terra ou o canto do rouxinol do Vale de Lágrimas. Objetar-se-á: Quem lhe encomendou o sermão? É verdade, ninguém me encomendou o sermão, mas cada um tem de cumprir a sina para que nasce.

Boa sina, a do ofício da escrita, sobretudo quando se conta, como é o caso do Mestre, com muitos e muitos milhares de leitores.

Um homem, bem ou mal fadado para escritor, deverá sempre semear palavras ao vento, contra o próprio vento e em todas as marés.

Referiu há tempos que era ainda adolescente quando um professor lhe augurou uma carreira literária.

Um professor de francês. Fora dado aos alunos, a fim de ser traduzido e interpretado com estilo literário, um trecho de história antiga, algo relacionado com um rei persa. Esmerei-me e no final o professor comentou: «Rapaz, tens queda para as letras!»

Levou isso a sério...

Tão a sério que continuei a esmerar-me e aqui tem como me desviei para esta matação de escritor, em vez de tornar-me bacharel, banqueiro, agrónomo... doutor de qualquer coisa, que sei eu! Dito de um modo literário, como fiz esta manhã... (*Aquilino folheia uns papéis arrumados sobre a secretária e lê*) ... «Continuo a produzir como se me penetrasse um ardente e fecundo verão. Obriga-me uma espécie de sina (*num aparte para o jornalista: “Vê?... cá está a sina...”*), e fugir-lhe seria negar-me. Por isso hei de morrer com a enxada em punho».

Tenho reparado ser-lhe grato o vocábulo *enxada* para designar o ofício da escrita.

Não só da escrita. A enxada é o símbolo universal do esforço, a ferramenta com que o homem há de governar a vida. Sendo uma emanção da terra, a existência humana representa uma batalha. É a condição de todos os viventes: lutar. De princípio, não é agradável. Mas uma vez adquiridos hábitos de combatente — combatente, bem entendido, incruento, segundo as necessidades das leis biológicas fundamentais — o resto vai por si.

Também escreveu que na literatura universal seduzem-no em especial os autores muito antigos, embora por vezes quase impenetráveis. Essa é outra batalha, traduzir ou interpretar os clássicos?

Em verdade não é fácil. Nunca abordei sem relutância, quando era estudante, uma ode de Horácio. No entanto, passadas as primeiras

linhas tomava gosto na interpretação e trasladação para o nosso idioma dessa composição que tinha dois mil anos por redondo, quando o pensamento do homem se encerrava noutros quadriculados. Depois, era um regalo. O primeiro passo, creia, é que custa. Vencida a inércia, o estudo torna-se fonte de prazer e de elevação moral. É assim que, estudando, cada um cumpre o dever, sucessivamente para consigo, para a família, para a sociedade.

Existem os cábulas...

Sim, mas têm os dias contados. O cábula e o boémio são bichos da pré-história, dinossáurios. Toleram-se em nome do sentimento encardido de amor e falsa piedade. A vida é um negócio muito sério e complexo, todavia ameno desde que cada um se integre na sua função. A do estudante é ser estudante *ab imo pectore*, isto é, do fundo da alma desde os bancos da escola primária. À família incumbe o papel do mediador tutelar, o mesmo que o tutor para a árvore.

Entre nós acontece com frequência a árvore definhar por negligência da família. Não pensa assim?

Com efeito, para desgraça de nós todos. A família portuguesa nem sempre é a árvore que dá boa sombra. Em si, tantas vezes, lembra um pobre polipeiro agitado por vagas do fundo do mar, lavrado pelas querenas de naves, ou seja, de ideias feitas que pedem revisão. Mas os ventos que sopram de largo, acredito, hão de, contra as más marés, sanear a plantação submersa em águas pouco salubres.

E qual o papel do jovem?

Juventude, em tanto que espaço na idade do homem, compreende um segmento tão grande do quadrante que exige a sua divisória. Admite-se no geral que vai dos 14 aos 25 anos. É evidente que a primeira etapa se aproxima da infância como a última da virilidade. Na primeira etapa todo o horizonte mental e psíquico é instável,

movediço, um segundo dia de Génesis. Tudo à volta é deslumbramento e, como tal, infixidez. O plano dos sentimentos varia como o plano das emoções. É a rebusca do melhor, ou antes, do que mais agrada ou convém à psique. O homenzinho prepara-se para homem. Ora, dos 18 anos em diante, o adolescente deve ter a sua enxada pronta ou em vias de forjada. Mal vai dele se se atrasou, que terá de reduplicar de esforço. Supondo que cumpriu a sua tarefa de formação, a vida entrega-se-lhe. Que beleza sentir-se apto e intemorato para a luta como um atleta que se urge para entrar no ringue!

Esse é outro tema sobre o qual tem escrito: a coragem e o medo na vida moderna.

Meu amigo, na vida, cada vez mais exigente e mais deliciosa, cerebralmente mais afinada, fisicamente mais condicente com a natureza de um civilizado, é preciso não ter medo. Mas a coragem humana é ainda um problema de vontade.

Também disse numa outra ocasião que lhe custava ver a «corajosa juventude portuguesa» com «medo de viver».

[*Nota: alusão sibilina de Aquilino à guerra colonial iniciada dois anos antes desta entrevista*].

A juventude portuguesa é como todas as demais europeias: generosa, cheia de seiva, inteligente, votada aos grandes destinos. Tenho porém muito medo dos mestres e dos mentores. A cada passo surge o diabo ao caminho. Um diabo de rabo pelado para que os jovens lhes hipotequem a alma. Quem os adverte do perigo? De modo geral este demónio vem embuçado, com todo o recato, em pés de lã, comedido e prudente, e fala como os antigos lentes de Coimbra: — Moço, teus pais eram assim, eram assado. Eram felizes. Fizeram esta nação grande. Amavam a Deus, etc., etc., etc. — Quais pais?, pergunto eu. Os nossos pais navegavam por debaixo das

ondas? Atravessavam para o Rio, por exemplo, em nove horas? Viajavam na estratosfera? Ouviam Londres em Lisboa? Ressuscitavam duas e três vezes na mesa operatória? Para estes progressos da física e da fisiologia humana forçoso é que haja outra mentalidade. Ou que se invente. Nisto está a grande obra da pedagogia. É para essa inovação transcendental do psíquico que eu dirijo o meu convite à juventude portuguesa.

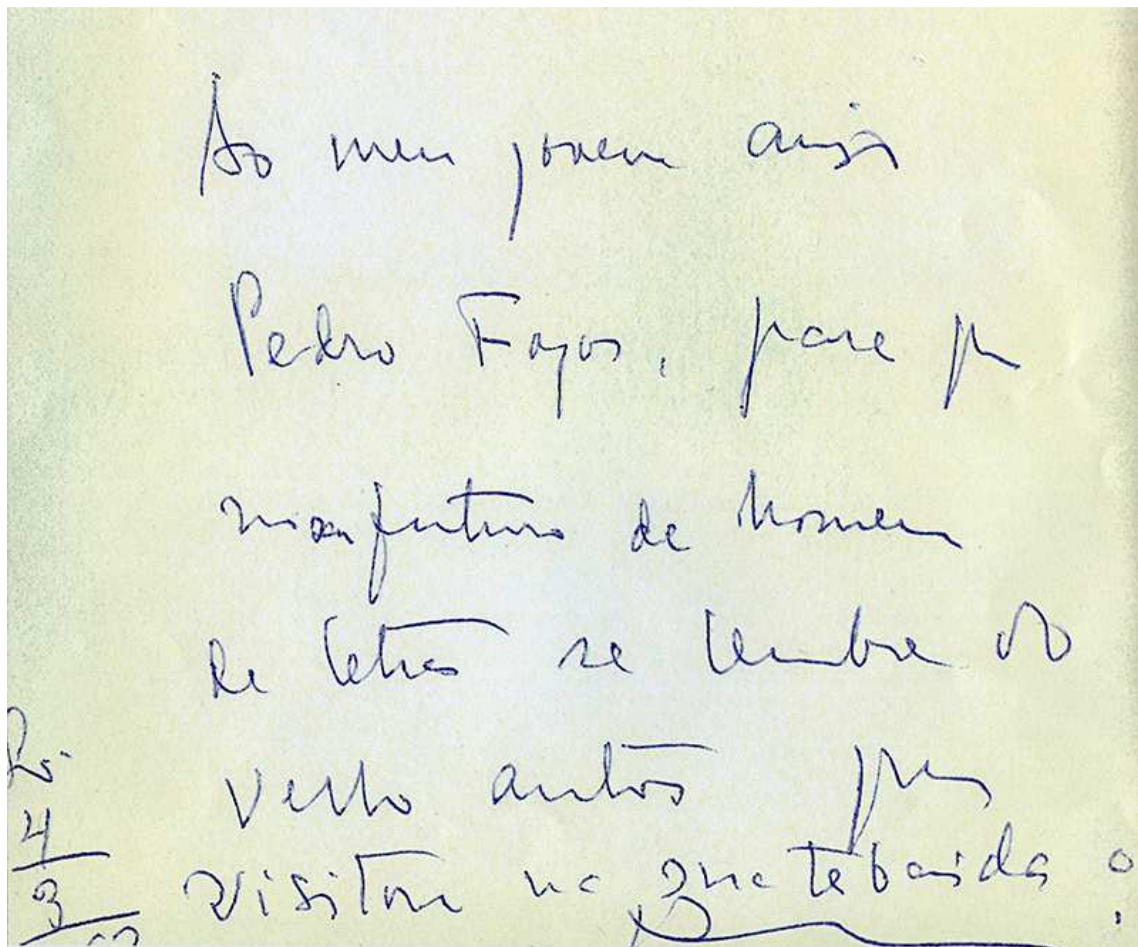
De que forma, exatamente?

[Acordaram o escritor e o jornalista que a resposta a esta pergunta, sob a forma de mensagem, seria do próprio punho de Aquilino Ribeiro. O texto, um dos últimos por si escritos, foi entregue dias depois. A extensão da mensagem era no mínimo o dobro da que se reproduz em consequência dos cortes feitos pela Censura. As chamadas “provas de granel” devolvidas ao jornal pela Censura foram confiadas a Aquilino na antevéspera da publicação e poucas semanas antes da sua morte].

De que forma? Não tendo medo de viver. Tapando os ouvidos às vozes dos velhos do Restelo, todavia sem que esse repúdio provoque o desequilíbrio da sua pessoa moral, que é um edifício mais bem interessante do que os construídos pelos arquitetos à beira das ruas. Que os jovens, repito, não tenham medo de viver. Que não tenham relutância em estudar. É uma questão de persistência de princípio, como já disse, porque depois torna-se agradável singrar pelas esferas novas do saber como viajar pelas terras desconhecidas ou singrar em canoa a motor nas águas mansas de um lago. Que a juventude não tenha medo da afronta dos maus, dos medos do espírito e fuja das cocas [*ardis*] que todos os inimigos do progresso lhes hão de querer pôr nos olhos, que, no fundo, são hediondas como caraças de carnaval. Que amem a vida pela vida e pela beleza que encerra, nada mais que no facto de o homem se sentir um ser útil à sociedade e,

porventura, ao mundo, a despeito das paredes que delimitam o nosso Portugal da Europa. E mais uma vez: estudem. Compenetrem-se de que a vida somos nós que a fazemos como um padeiro amassa o pão às mãos ambas ou um escultor à greda em que modela a estátua. Só assim a vida se saboreia no que tem de saborosos tesouros íntimos reservados.

© PEDRO FOYOS



Do meu jovem amigo
Pedro Foyos, pare a
manufatura de homens
de letras se lembra do
velho amigo
visitar no que te basda o

Rs.
4
3

Um «futuro de homem de letras» mas um tanto pacóvio...

Dedicatória de Aquilino Ribeiro a Pedro Foyos. Quarenta anos depois, numa entrevista dada a Fernando Correia e Carla Baptista e mais tarde incluída no livro "Memórias Vivas do Jornalismo" (Ed. Caminho), Pedro Foyos relembra um episódio pitoresco relacionado com esta dedicatória:

«(...) No final de uma longa entrevista que lhe fiz [a Aquilino] ofereceu-me um dos seus livros (que guardo como raridade de joalheiro) com uma extremosa dedicatória na qual me augurava um «futuro de homem de letras» que se lembraria, por meio daquele livro, «do velho autor que visitou na sua tebaida.» Agradei desvanecido, mas... aquela última palavra — «tebaida» — ficou-me atravessada. «Tebaida»? Que raio queria aquilo dizer? É evidente que não iria expor perante o mestre a minha ignorância, nada perguntei. Chegado ao jornal corri para o dicionário. Lá estava, sim senhor: «Tebaida: lugar solitário; retiro.» Desde esse dia estou em condições de dizer, tranquila e prontamente, o que significa «tebaida»...

Que o querido Mestre me perdoe esta tagarelice de pacóvio.